



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasileidades em Literaturas e Linguísticas

**VISÕES DO ABUTRE: IMAGENS DO POETA ADÃO VENTURA NA
OBRA E NA CRÍTICA**

Gustavo Tanus¹

Resumo: O poeta afro-brasileiro Adão Ventura, nascido em Minas Gerais, escreveu e editou importantes livros para a literatura brasileira contemporânea. Realizamos uma leitura crítica das duas primeiras obras, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1970) e *As musculaturas do arco do triunfo* (1976), analisando imagens que circularam na crítica. Pretendemos, com isso, demonstrar, de modo geral, considerações realizadas por essa crítica, considerando aspectos das obras para a constituição das visões do abutre.

Palavras-chave: Adão Ventura; Literatura Afro-Brasileira; Poesia Afro-Brasileira.

¹ Mestrando em Estudos Literários. UFMG. gustavotcs@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEZIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Primeiras considerações

Analisar o texto poético e a fortuna crítica de um autor sem um plano de reflexão e utilização da leitura definidos é tarefa um tanto perigosa, a que destacamos ao menos dois perigos iminentes: quer seja sugerir, ainda que não for intenção, um caminho de interpretação que fixe a análise a uma ideia de trajetória evolutiva progressiva; quer seja por utilizar da crítica como argumento peremptório para validação do texto, prescindindo, no mais das vezes, de uma leitura analítica dos textos. Desviando-nos desses primeiros riscos, questões postas para a crítica do texto terão efeito também na crítica da crítica, como o reconhecimento das limitações temporais, as filiações ideológicas, as estratégias e motivações de leitura/interpretação etc.

Uma das tendências críticas atuais, apontada por Tzvetan Todorov, baseia-se na formulação de hipóteses de trabalho, em busca por um método, em certa ambição totalizante, de encontro da unidade da obra (TODOROV, 2015). Isso, de alguma maneira, podemos perceber na fortuna crítica de Adão Ventura, porém as motivações para isso são, a nosso ver, distintas das que subsistem na crítica tradicional, e diz respeito à própria formação da literatura afro-brasileira e a construção de uma história da literatura que contemple suas origens, precursores, o período de consolidação, novas formas poéticas, novas estratégias de ficção. Dito isto, partimos para a análise de algumas interpretações críticas e leitura do texto poético de Adão Ventura², poeta negro contemporâneo, cujas poesias são uma marca indelével da afro-brasilidade na poesia brasileira contemporânea.

² Adão Ventura Ferreira dos Reis, neto de homens escravizados, que trabalhavam em fazenda e mina, nasceu no dia 5 de julho de 1939 em Santo Antônio do Itambé, antigo distrito do Serro/MG, vale do Jequitinhonha, lugar de uma cultura popular riquíssima, que marcou o poeta de tal maneira a se manifestar em sua obra. Bacharelou-se em Direito em 1971, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalhou no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, importante publicação de literatura, fundado pelo escritor Murilo Rubião, importante por ter congregado em sua redação diversos jovens, escritores e intelectuais, que estrearam nas páginas do suplemento seus primeiros textos, a essa geração literária intitularam "Geração Suplemento". Na década de 1970, lecionou Literatura Brasileira Contemporânea na Universidade do Novo México, EUA, e,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A imagem pela crítica

O primeiro livro que realiza uma crítica às poesias de Adão Ventura é o *Poesia negra no modernismo brasileiro*, de Benedita Gouveia Damasceno (1988). Nele, a pesquisadora realiza um estudo de diversos autores – ao que incluem-se as poesias do livro *A cor da pele*, de Adão Ventura –, numa espécie de crítica por demonstração de novas expressões da poesia negra brasileira. O segundo texto crítico acadêmico foi escrito por Maria José Somerlate Barbosa (1997), artigo intitulado “Adão Ventura e o (con)texto afro-brasileiro”.

Neste, é realizada uma leitura muito interessante em que sugere um caminho para os dois primeiros livros de Adão Ventura, prosas poéticas com “sobrecarga metafórica” de verve surrealista e simbólica, recuperando o contexto brasileiro do golpe militar e a perda da garantia das liberdades individuais, e o conjunto de circunstâncias de emergência das reivindicações raciais que, até então, tinham sido proibidas, no bojo das interdições sociais e políticas provocadas pela ditadura. Destacar esse contexto é revelar o caráter combativo e revoltoso das produções culturais e literárias em que as liberdades e garantias individuais foram suprimidas, mas não evitaram a continuidade das lutas dos grupos pelo “espaço histórico, social, ético e étnico do Brasil negro.” (BARBOSA, 1997, p. 2).

nesse país, participou do Congresso Internacional de Escritores, promovido pela Universidade de Iowa, num momento fecundo, de grandes lutas pelos direitos civis dos afro-americanos, Essas experiências nos Estados Unidos, em um momento de lutas pelos direitos civis dos afro-americanos, permitiram a ele aprofundar seus conhecimentos acerca das manifestações culturais afro-americanas como o blues, o jazz, a poesia e a ficção negra. Na década de 1990, Adão Ventura atuou como juiz classista e foi o segundo presidente da Fundação Palmares, instituição na qual trabalhou para consolidação de sua missão e de seus valores. Recebeu, durante a vida, diversas honrarias, prêmios literários, como o importante, e homenagens, como a Medalha "Santos Dumont" em 1989 pela relevância de sua obra e, ainda, a Medalha de Honra UFMG, recebida postumamente, por ter sido um ex-aluno destaque da instituição. O poeta faleceu em 2004, aos 64 anos.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Para essa pesquisadora, a linguagem “surrealista” sobrecarregada de metáforas dos primeiros livros são uma estratégia discursiva contra a censura que impelia os escritores e compositores a procurar o caminho oblíquo das metáforas e do simbolismo, como maneira de burlar a censura vigente e “de expressar um Brasil surrealisticamente caótico, vivendo as leis da “ordem e progresso” e da ‘segurança nacional’.” (BARBOSA, 1997, p. 2). Outra questão importante é a percepção de que os dois primeiros livros de Adão Ventura, de uma prosa poética hermética que não possuem como eixo central a raça e raízes africanas, mas que não se ausentam de realizar “denúncias das condições econômicas, políticas, sociais e raciais do Brasil.” (BARBOSA, 1997, p. 3).

Após essa reflexão sobre a ilegibilidade do primeiro livro, ela aventa características desse livro, como o fato do poeta itambeano optar por não utilizar a maiúscula, o que seria “uma quebra da hierarquia ortográfica” (1997, p. 4). Vale notar que a crítica vai além da consideração de que o poeta produz versos de “verve surrealista”, elaborando uma estratégia de leitura de contraposição do jogo de palavras ao contexto de restrição ao estado de direito, e percebe a ironia resultante do jogo de palavras incluído em um fluxo de pensamento.

Em análise ao primeiro poema em prosa, “Noite do passaporte”, multifacetado e polissêmico, ela destaca os significantes “recinto de segurança,” “REI” e “cinto de segurança” que são, para ela, “índices e símbolos da ditadura militar no Brasil com sua mão de ferro e censura máscula, sentidos em dimensão nacional”. (BARBOSA, 1997, p. 4). Maria José prossegue com esse tipo de procedimento de leitura, como a leitura do excerto: “vendem-se empregadas domésticas que saibam descascar Bach” (VENTURA, 1970) também indicia ultrajes cometidos pela escravidão negra no Brasil, em que as pessoas trazidas da África eram vendidas nas feiras como se vendem batatas.”, e termina em uma rápida interpretação do segundo poema desse livro, intitulado “Invasão”.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEZIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Analisando o segundo livro de Adão Ventura, *As musculaturas do arco do triunfo* (1976), Maria José Barbosa identifica um tom surrealista/tropicalista, Ventura satiriza a alienação político-social em que se refugiaram as pessoas para escapar da repressão implantada pela ditadura militar: "das cabeças nascem os cogumelos, / porque a palha é fosca e o cito / árido, porque o estábulo é a / farsa, e a marca é o malho, por / que escuro é o medo e espúria é / a pele, porque escuso é o encarte / entre o corpo e o chão." (BARBOSA, 1997, p. 4).

Jussara Santos estudou, em sua dissertação de mestrado, a construção da identidade e da alteridade em três poetas: Edimilson de Almeida Pereira, Marcos A. Dias e Adão Ventura. Por meio de uma leitura de "libertação" do homem negro dos lugares fixos nos quais fora forçosamente alocado, da cor da pele e das cicatrizes "como mote para a efetivação da palavra" (SANTOS, 1998, p. 35), ela buscou poemas cuja temática é construída por um "eu lírico 'que-se-quer-negro'" (BERND, 1988), trabalhando os estereótipos e preconceitos, a partir dos livros *A cor da pele* (1980) e *Texturaafro* (1992).

Por sua vez, Édimo de Almeida Pereira interpretou a poesia de Ventura a partir da fragmentação, do descentramento do sujeito, próprios da pós-modernidade, "[...] uma das marcas do sujeito contemporâneo é buscar novos caminhos que o capacitem para a compreensão da realidade que o envolve" (PEREIRA, 2010, p. 10). Esta análise é mais sistemática e transversal, porque considera a obra completa de Adão Ventura, reconhecendo, nela, a riqueza dos aspectos temáticos e estéticos, ao que intitulou "outras vertentes", outros caminhos, para além das questões étnico-raciais, "[mapeando] os questionamentos do poeta em relação a outros temas [...] como as relações de gênero, [...] a religiosidade, a memória, a cultura popular e a relação do homem com sua terra de origem". (PEREIRA, 2010, p. 97).

Em análise da consciência da negritude, Maria do Rosário Alves Pereira (2004) afirma, em seu artigo "A consciência da negritude", que a poesia de Adão



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEZIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Ventura contribui, por um posicionamento próprio, para a “consolidação de um sistema literário afrodescendente” (2004, p. 3). Neste artigo ela delinea três fases temáticas para a obra do poeta, cuja decomposição é importante para perceber não só a fase de assunção da cor, porque esta já tinha sido delimitada em outros trabalhos, mas para reforçar os outros momentos da poética de Adão Ventura, como, o trabalho em “uma perspectiva política e social referente não apenas ao negro, mas à problemática social brasileira num sentido mais amplo” (PEREIRA, 2004, p. 1), percebido em *Litanias de cão* (2002).

Considerando outros textos críticos³, há algumas imagens construídas que são repetidas e reiteradas e, às vezes, sem a devida reflexão – de uma consolidada imagem que afirma uma “verve surrealista” de um texto hermético dos primeiros livros, alcançando versos de linguagem mais simples e acessível – cujo trânsito possibilitou conservar a ideia de certa evolução em sua expressão. Em outros, os textos poéticos foram lidos partindo do quarto livro, *A cor da pele* (1980), considerado por parte da crítica como o mais importante, porque seria o lugar onde o poeta teria “assumido” sua negritude. Esses pontos de partida para a leitura do texto podem obnubilar nuances importantes que apontam inclusive para as questões relacionadas ao racismo, ao preconceito, à cor da pele, mesmo antes da publicação do referido livro, ademais de servirem como âncora crítica que impossibilitaria outras leituras.

A imagem no texto poético

Em relação a sua obra, no início da década de 1970, o poeta Adão Ventura editou seu primeiro livro *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, obra com uma poética densa, repleta de imagens, metáforas e alegorias,

³ Neste trabalho demos vozes a críticas importantes, para uma leitura completa conferir a dissertação “Constelações do poeta negro: imagens de Adão Ventura no arquivo literário”, a ser defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UFMG.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEZIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

com quase nenhuma recepção crítica, porém, como já dissemos, com inúmeras imagens que foram reiteradas pela crítica. Após essa prosa poética do primeiro livro, Adão Ventura lança outra prosa poética *As musculaturas do arco do triunfo* (1976). Para este texto, trabalharemos os dois primeiros livros, que são os que, como já vimos, carregam imagens problemáticas sobre sua poética.

Entretanto, para efeito de informação sobre a bibliografia do poeta, vale dizer que: em 1980, lançou o livro *Jequitinhonha: poesias do Vale* (1980), que compôs um projeto de escrita poética sobre o vale, ao qual se integraram os livros *Nas águas do Jequitinhonha*, de Ronald Claver, e *Cantigas de amor & outras geografias*, de Paulinho Assunção, publicados pela Coordenação de Cultura do Estado de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, lançou o livro *A cor da pele* (1980), que, até o centenário da Abolição, em 1988, alcançaria a quinta edição. Em 1985, o poeta lançou seu único livro infantil, *Pó-de-mico de macaco de circo*, que ainda não possui recepção crítica. Seus últimos livros foram *Texturaafro* (1992) e *Litanias de cão* (2002).

Quando foi lançado seu primeiro livro, em 1970, o poeta não era de todo um autor estreante visto que já havia publicado poesias na *Revista Literária* do corpo discente da UFMG. Esse livro, que foi impresso nas gráficas da Imprensa Oficial, foi dedicado aos escritores Murilo Rubião e Affonso Ávila, que afiançariam, como já foi afirmado pela crítica, essa alma "surrealista", como se a ficção fantástica daquele ou a vanguarda deste pudessem se não dar um significado, ao menos apaziguar o significante. Daí que, não podendo estabelecer qual o modo de filiação àquela escola literária de vanguarda, como uma expressão desejável a um ideal de linguagem, estabelecesse do jogo de remissão de cenas, e de imagens incomuns próprios desse livro, um plano de significação lido por essa crítica como muito próximo ao da experiência surrealista.

Esse primeiro livro de Adão Ventura se divide em blocos de uma prosa poética elaborada por uma sucessão de imagens, de metáforas, que à primeira



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEZIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

vista parecem desconexas, porém são concatenadas a sugestionar um enredo. Em relação ao material poético, vemos um texto literário que comumente intitula-se prosa poética, porém, neste livro, há um distanciamento da linearidade prosaica, sendo enredada por sintagmas mais imagéticos, metafóricos, constituído por uma concatenação de imagens que, a primeira leitura, parecem prender o leitor no nível dos enunciados, não permitindo-o, ao menos de modo fácil, que persiga um enredo. A leitura exige concentração, porque essas imagens poéticas estão arranjadas, organizadas de modo contra-sensual. Assim, a dita "verve surrealista" refere-se, a nosso ver, mais a inteligibilidade dificultada do que propriamente aos automatismos psíquicos, a dita linguagem automática daquele movimento poético. Percebemos que poeta faz uma escolha lexical interessante, o insólito se cria a partir dos usos 'indevidos', fora da significação habitual; alguns sintagmas são problemáticos, impõe ambiguidades que, de modo geral, desestabilizam os significados.

Assim, a voz poética realiza uma espécie de escrita de histórias (vida e ficção) que são como transparências sobrepostas, colocadas uma em cima da outra, e lidas como um enredo único, ao que sobressai, a despeito do extraordinário das imagens, metáforas e do extra-comum, a violência da escravidão, do emparedamento⁴ dos corpos – físico, psicológico, e também o textual –, as sombras da pele, e a invisibilidade gerada e mantida pelas sociedades em diversos tempos da humanidade.

As musculaturas do arco do triunfo (1976), o segundo livro, possui uma outra organização editorial. O fato de ter sido vencedor de um dos prêmios de literatura mais importantes do Brasil, o "Cidade de Belo Horizonte", no ano de 1972, traz um mérito que, sendo inscrito na folha de rosto, como uma opção editorial, funcionaria como um lastro para o texto. Esse livro foi publicado pela

⁴ Essa condição vivida pelo negro no Brasil foi poeticamente tratada por Cruz e Sousa, em sua prosa poética "O Emparedado", publicada no livro *Evocações* (1898).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEZINHO: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Editora Comunicação, pelo editor André Carvalho, conhecido por sua ousadia, por ter publicado, nessa mesma década, a literatura "infanto-juvenil", de Wander Pirolí, na "Coleção do Pinto", que inaugurara o uso de uma linguagem realista e temáticas inusuais para crianças.

É um livro que prossegue o tipo de expressão do primeiro livro, havendo certa homologia em relação à prosa poética dos dois. Este, porém, há um pouco mais de acessibilidade, porque a narrativa é construída por eventos com uma linearidade mais bem definida, ainda que sejam ações paradoxais. A voz poética, ou a voz narrativa, em primeira pessoa do plural, narra eventos acontecidos em um tempo que se organiza como um tempo mítico, sem uma especificação exata. As histórias contadas se relacionam ao universo semântico ligado ao "Arco do Triunfo", que foi um monumento erigido e dedicado às vitórias militares napoleônicas, ou seja, às relações de conflito e de dominação, de campanhas de exploração, expansão, colonização etc.

O livro divide-se em três partes, a primeira intitula-se "Livro de Hagbe", subdividida em sete partes numeradas, e as outras são nomeadas "Unidade Segunda", subdividida em "Perspectivas entre duas linhas paralelas", "De algumas das manias de um rico mercador de Memphis", e "Dos porcos e algumas de suas obsessões"; e a última parte, "Unidade Terceira". A parte "Livro de Hagbe" inicia-se com uma espécie de intróito poético, como podemos ver a seguir.

desnascido o corpo de Hagbe jurou
possuir na lavratura da pedra, es-
calá-lo nos cipós das mágoas, do-
má-lo na insônia dos anjos, per-
dendo-o nas frustrações do erro.

(VENTURA, 1976).

Em busca de uma explicação para este ser, chamado de musa pela crítica, encontramos alguns indícios, que talvez sejam importantes para o aprofundamento de uma leitura que busque não um diletantismo, uma apreciação,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

mas conseguir estabelecer uma espécie de arqueologia da linguagem do poeta. Encontramos em um vocabulário de história natural Mende⁵, a referência a um animal, um antílope pequeno e a uma planta latifolia: "Hagbe-wulō. A very small antelope (? *Neotragus* sp.)" (MIGEOD, 1913, p. 9), e "Hagba (hagbe). A plant. Leaf 21x16 inches, smooth, very tough. Grows on a single tall stalk 4 feet high." (MIGEOD, 1913, p. 52-53).

No livro [*Gênero e poder na Serra Leoa: mulheres chefes dos últimos dois séculos*, título traduzido por nós], de Linda Day (2012), uma remissão a um ancião chamado Hagbe que diz que uma líder feminina não exercia seu poder de forma a fazer mal a seus súditos. Ainda em relação à palavra Hagbe, Kofi Gbolonyo escreve em sua tese de doutoramento sobre a Literatura Ewe⁶, defendida em 2009, que significa texto poético, ainda, um tipo composicional que combina dois tons.

[...] hagbe (lit. voz da canção / língua, som / língua da canção ou som / língua aceita e considerada como canção). Hagbe também pode significar texto poético. Em geral na literatura Ewe, o poema é normalmente referido como (palavra escultura música ou uma música palavra composição) hakpanya. Em vista disto, hagbe pode ser considerado como a combinação de tom musical e tom lexical. (GBOLONYO, 2009, p. 116, tradução nossa).

Para finalizar, observamos, neste livro, certa opacidade das palavras, demonstração de que não são transparentes, nem mesmo translúcidas. Assim, o trabalho de tecê-las em prosa poética é algo difícil, como é árdua a tarefa de perceber essas "musculaturas do arco do triunfo", as estruturações desse monumento erigido em comemoração à aniquilação do Outro, desnaturalizando o

⁵ Membro de um povo que habitam a Serra Leoa, na África Ocidental.

⁶ Língua indígena falada em pelo menos três países da África (Gana, Togo e a República do Benin).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

racismo e o preconceito – que atravessaram os tempos –, e que são partes que estruturam a sociedade. A voz poética demonstra-nos o sistema cíclico que gesta um medo irrefletido que projeta no sujeito – negro – aquilo de que se tem medo; e como um efeito desses discursos, perversos, deixa desconhecida, recôndita, sua natureza humana.

Modos de ver

A partir destes apontamentos sobre os dois primeiros livros, percebemos que o poeta já tratava de questões que só foram vistas quando apareceram de modo mais patente, mais manifesto, no livro *A cor da pele* (1980); o que redefine a afirmação de que este seria sua marca de assunção da cor da pele.

A imagem do abutre – que já foi utilizada pela crítica, e provém do título do seu primeiro livro – é importante como uma metáfora para a voz poética e seus planos de expressão, pois essa ave alimenta-se de carne em putrefação que, no caso, pode ser visto como a percepção (por meio da sua visão) e o uso da podridão do mundo como matéria poética. A dor e o "blues" são deduzidos pela voz narrativa desses livros, que mesmo assim realiza uma espécie de autópsia de si, e da história, desvelando e desconstruindo as estruturas dos monumentos dedicados à barbárie.

Referências

- BARBOSA, Maria José Somerlate. Adão Ventura e o (con)texto afro-brasileiro. **Afro-Hispanic Review**, Fall, volume 16, número 2, 1997.
- BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CRUZ E SOUSA. **Evocações**. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1898. (Poemas).
- DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no modernismo brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

DAY, Linda. **Gender and power in Sierra Leone: women chiefs of the last two centuries.** New York: Palgrave Macmillan, 2012.

GBOLONYO, Justice Stephen Kofi. **Indigenous knowledge and cultural values in Ewe musical practice: their traditional roles and place in modern society.** PhD – Faculty of Arts and Sciences, University of Pittsburgh, 2009.

MIGEOD, Frederick William Hugh. **Mende Natural History Vocabulary.** London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. Ltd., 1913.

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Adão Ventura: a consciência da negritude na literatura afro-brasileira.** Monografia (Bacharelado em Letras/Português) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte. 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Crítica da crítica: um romance de aprendizagem.** São Paulo: Editora Unesp, 2015.

VENTURA, Adão. **Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul.** Belo Horizonte: Edições Oficina, 1970. (Prosa poética).

VENTURA, Adão. **As musculaturas do arco do triunfo.** [Ilustrações de James Scliar]. Belo Horizonte: Comunicação, 1976. (Prosa poética).